

do Movimento.<sup>32</sup>

Não há unanimidade entre os *ex-chaverim* quanto à idéia de o próprio curso universitário ser considerado *burguês* na ideologia do Movimento na época, mas vários garantem ter sido essa uma das principais alegações para justificar a oposição drorista aos estudos superiores.<sup>33</sup>

### 3.2. Os significados da proletarização

O processo de *proletarização* incluiria, em sua “fase brasileira”: a busca da *profissionalização* (capacitação para exercer um ofício), os esforços de negação dos valores e do estilo de vida burguês, a identificação com a classe trabalhadora e uma tentativa primeira de adaptação à vida kibutziana, o trabalho na Hachshará.

A *identificação* dos jovens com o proletariado, objetivo da *ação educativa* drorista, fazia-se, na prática, muito mais com a sensibilização dos *chaverim* para a questão social através de leituras e observação da realidade que com a sua inserção concreta no cotidiano dos trabalhadores braçais, já que poucos jovens, de fato, aventuraram-se a trabalhar em fábricas de maior porte ou em terras que não as de Ein Dorot. Em sua maioria, os *chaverim* pertenciam a famílias de classe média, estando ainda muito próximos a elas e seu modo de vida; mantinham as mais variadas ligações (de caráter afetivo, financeiro, ideológico) com elementos de sua origem social. O proletário que tinham como modelo era o *chalutz* - um ideal bem específico e distante, inclusive geograficamente, - e não o “trabalhador brasileiro”. E, finalmente, eram jovens, ainda em fase de transição para as responsabilidades e os compromissos da vida adulta e, conseqüentemente, para a identificação de interesses de classe mais bem definidos. Todos esses fatores mencionados dificultavam a aproximação dos *chaverim* com a classe trabalhadora com que se deparavam todos os dias, mas da qual não faziam parte. Entretanto, os *chaverim* esforçavam-se em adotar uma *aparência proletária*, vestindo-se e comportando-se *como fazem os trabalhadores, os não burgueses, os revolucionários*, ou melhor, como esses jovens achavam que os trabalhadores, os não burgueses e os revolucionários se vestiam e se comportavam, o que dava margem a interpretações bastante particulares (como será visto mais adiante).

A idéia de ir viver no kibutz significava trabalhar lá, mas eu nunca havia pensado nos termos que foram colocados na Aflagá da Lapa. Até então, para mim, a proletarização era um conceito abstrato. Eu gostava da idéia da comunidade, “the band of brothers”, o espírito do grupo, da aventura... (...) [A partir da decisão da Lapa], começamos uma vida diferente em torno da proletarização. O Sigie Friesel, que era da Escola Técnica São Paulo, arrumou para nós um estágio lá... fazer ferramentas, cerâmica... (minha vocação de proletarização era pequena, mas passei lá alguns meses - eu me divertia... na época eu tinha todo um “joie de vivre”, eu era jovem, tinha um senso de aventura junto com um pouco de responsabilidade). (...) Lá no Uruguai, a [idéia da] proletarização era uma piada, porque o grosso das pessoas vivia uma situação sócio-econômica diferente da nossa. Aqui no Brasil, em geral, nós éramos todos classe média afluyente, gente que estava subindo na vida. No Uruguai, as famílias dos *chaverim* do Dror eram, em geral, de operários mesmo... os filhos trabalhavam... [a minha namorada uruguaia] trabalhava numa firma como caixa e estudava de noite. Ela tinha 17 anos, mas era madura, teve uma vida sofrida, era órfã desde muito cedo... Ela influenciou minhas idéias a respeito do Movimento, porque ela não estava tão disposta quanto eu a embarcar nessa aventura do kibutz... Sua visão de mundo nesse sentido era diferente da minha, ela valorizava mais do que eu o conforto, a vida sem privações... Tudo isso para mim não significava nada, porque eu nunca tinha passado privações na vida. As privações da

minha militância no Movimento eram esportivas, com gosto de aventura, como comer sanduíche de mortadela no bar dos motorneiros no Rio. Essa era a minha refeição lá, mas e daí? Para quem foi um cara bem alimentado a vida toda, isso não [pesava]... e era por livre escolha e não uma privação imposta pela vida, ou seja, o dia que eu quisesse eu pararia. Tinha um sentido totalmente diferente daquele para alguém que passou pela pobreza, pela luta pela vida, pela experiência de morar com todo mundo num quartinho. E a [minha namorada], que teve uma vida assim (...), agia de acordo com essa realidade. [9]

Um exemplo [dessa dissociação entre idéias e vida concreta] ocorreu comigo: quando eu era madrichá e procurava passar as idéias do Movimento sobre proletarização, batalhando, procurando envolver os chanichim..., chegou o Davi [Perlov] e me deu uma grande lavada. Ele disse: "- Socialismo?! Proletários?! O que exatamente você sabe disso?", no sentido de que nós tínhamos esse caráter pequeno burguês de falar da pobreza... e com razão, porque a gente falava de coisas das quais não entendíamos nada... No fundo, o Movimento era pequeno burguês (acho que todos os movimentos socialistas eram mais ou menos pequeno burgueses... Quanto menos você conhece o proletário, mais você o idealiza). Havia sempre essa certa dissonância, essa vocação missionária sem de fato se conhecer muito a realidade. O Davi era alguém que, já naquela época, via tudo com uma certa distância, um olhar crítico, o que não lhe tirava o fervor e a dedicação, mas que o mantinha sempre a uma certa distância. (ele veio de uma família completamente diferente, marginal, o pai era mágico... muito diferente da realidade das famílias judaicas brasileiras em que a maior parte se constituía de donos de lojas ou tecelagens). Meu pai já estava bem quando eu cheguei ao Brasil, éramos considerados uma família rica. Com relação ao proletariado, eu sentia uma identificação, mas nunca senti o problema na própria pele e a maior parte das pessoas do Movimento era assim como eu. [12]

... é muito engraçado, porque eu estava em um grupo desses [o Dror] e, ao mesmo tempo, vivia em um apartamento de luxo, e não tinha ligação nenhuma [com o proletariado] (...) (É uma coisa muito louca querer virar a estrutura sócio-econômica, e não assumir a condição sócio econômica da família para virar um proletário trabalhador agrícola). [10]

*A profissionalização de grande parte dos jovens droristas também estava aquém de suas próprias expectativas teóricas.*

A proletarização [na minha época]: foi uma idéia muito mais verbalizada que praticada. São pouquíssimos os casos de quem partiu para se profissionalizar: os homens (eu também) foram fazer curso de mecânica... as poucas mulheres... uma foi fazer curso de enfermagem e a outra foi fazer curso de pedagogia não universitário. O resto era conversa fiada... Os mais velhos ou foram direto para a fazenda de Jundiá ou ficaram trabalhando em tempo integral no Dror em grupos de militância (...). [17]

...o Movimento falava muito em conhecer a vida, em não ser fechado numa torre de cristal... na prática significava, por exemplo, quando se falava em proletarização, se almejava (nem todo mundo chegou a isso, mas se almejava) que a gente fosse trabalhar em alguma fábrica, em alguma gráfica ou algo assim. Isso era conhecer a vida... alguns de nós já trabalhavam um pouco, davam aulas particulares ou faziam alguma outra coisa que dava dinheiro. (...) Eu pouco trabalhei em algo rentável. A minha proletarização foi entre aspas: a mãe do Gabi [Bolaffi] tinha uma tecelagem de fazer pulôveres, um negócio manual, muito requintado, cujos modelos ela trazia da Itália. Então, eu passei uns quinze dias aprendendo a trabalhar na máquina e essa foi a minha proletarização. Eu lecionei um pouquinho, dei um pouco de aulas particulares para alunos fracos, mas não posso dizer que alguma vez eu já cheguei a me sustentar nessa época de militância integral. [14]

Por este ser apenas um dos itens na "lista de prioridades" dos *chaverim* (tendo que disputar o tempo dedicado às inúmeras atividades e demandas do Movimento) e pelas dificuldades em

se encontrar cursos ou estágios realmente adequados ao kibutz que os aguardava, os jovens que procuravam profissionalizar-se acabavam muitas vezes contentando-se com o emprego ou estágio que conseguiam encontrar (vários valiam-se da ajuda de parentes e conhecidos), formações incompletas em cursos técnicos subaproveitados ou nem concluídos, noções práticas de um ofício ou outro. Já era muito, devido às circunstâncias, quando chegavam a aprender alguma coisa *útil* ou contribuir financeiramente com o próprio sustento e a caixa comum do Movimento. A capacitação técnica exigida pelo Dror não era um fim em si, e muito menos uma decorrência da necessidade de vender a força de trabalho especializada em troca de um salário. Era a ideologia do Movimento que dava sentido à *profissionalização*. Sendo assim, não havia muito rigor na escolha do tipo de ofício nem muito problema em justificar um abandono de curso, por exemplo, em função de um trabalho de *shlichut*, um estágio em Israel ou do ingresso “precoce” na Hachshará, episódios que aconteciam com frequência.

A diretoria geral do Movimento (a Hanagá Artzit) resolveu que eu teria de ser ou responsável pelas abelhas ou enfermeira, e eu podia escolher entre essas opções. Eu não queria nenhuma delas, mas naquele tempo a gente tinha a *tsav hatnuá* (ordem do Movimento), ou seja, a gente fazia o que o Movimento resolvia que a gente tinha que fazer. Então, eu estudei meio ano de Pronto Socorro na Cruz Vermelha Brasileira, e não fiz o estágio (que seria o mais importante), porque era época de *machanot* e o Movimento resolveu que era mais importante que eu cuidasse do meu grupo, porque eu era a única *madrichá* moça (os outros eram rapazes) do meu grupo de idade (...). Assim, deixei de ir ao estágio do curso e quando eu cheguei na Hachshará, fui designada como enfermeira. (...) Eles [os trabalhadores da região] se acostumaram a vir à Hachshará e nos pedir ajuda médica, porque em *garinim* anteriores houve médicos e enfermeiras formados que haviam ou largado ou terminado seus estudos antes de entrar na Hachshará. Nós não tínhamos essa regalia, porque a orientação do Movimento era para a profissionalização e médico e enfermeira não eram [considerados] profissão e sim uma coisa muito burguesa... e a gente ia ser [proletário]... [Para o Movimento,] a gente aprendendo algo em um curso bem *mixuruca* já era considerado uma profissão, mas se fosse uma enfermeira diplomada isso já era “burguês demais” e não podia. Então eu, com um curso de duas vezes por semana e sem nenhum treino prático, já era responsável pela saúde do grupo de 25 pessoas que estavam na Hachshará e mais de todos os *cabocios* que viviam em volta e me vinham com bebês para eu dar injeção de penicilina. Naquele tempo, não se usava comprimidos e os remédios eram geralmente em injeção. Também não se usava seringa de plástico, eram de vidro... eu tinha que ferver numa caixinha de metal... As condições eram muito difíceis e primitivas e a responsabilidade nossa era muito grande. Eu peguei uma responsabilidade sobre mim sem ter a preparação adequada, se eu não matei ninguém, foi por muita sorte. [22]

Por outro lado, vários dos que investiram mais seriamente em uma formação técnica no Brasil, tiveram surpresas desagradáveis ao chegar ao kibutz em Israel e constatar a inadequação do que tinham aprendido aqui diante das condições de trabalho lá encontradas.

O comportamento social decorrente da idéia de negação dos valores burgueses e o cotidiano de trabalho na Hachshará serão vistos mais adiante.

Analisar a experiência de alguns *chaverim* que buscaram sua *proletarização* via *profissionalização* é procurar vislumbrar a tradução possível dos significados específicos que esse ideal ganhou no contexto do Movimento juvenil.

Por serem jovens que estavam tratando ainda e prioritariamente de sua formação educacional e não da sua reprodução como força de trabalho (especialmente os que ingressavam em escolas técnicas, entre outras coisas, por seu compromisso ideológico com o projeto da proletarização e por uma espécie de acordo com os pais, que não aprovariam que os filhos simplesmente largassem os estudos para procurar um emprego qualquer), era muito

difícil um jovem *chaver* assumir-se um proletário antes de chegar ao kibutz. Por outro lado, não é pouco constatar que o abandono da ambição de prosseguir com estudos universitários, dada a importância que adquiriam na sociedade mais ampla, já era uma troca significativa de valores e um bom golpe nos ditos padrões burgueses. Além disso, por menos que fosse (e nem sempre era pouco) o fato de não ter mais a pura e simples “vida de estudante”, fez com que muitos reconhecessem e sentissem na própria pele vários dos problemas, exigências físicas, responsabilidades, privações e preocupações vividos por aqueles que exercem *trabalho braçal* e *ofícios técnicos*.

Alguns não gostaram da experiência - ou acharam que não gostariam - a ponto de desistir da própria idéia da *proletarização*, enquanto outros não se sentiam de fato convencidos da necessidade ou possibilidade de deixar a faculdade, procurando apenas adiar a decisão. Outros ainda aceitavam (e mesmo hoje admitem) a tese de que Israel precisava de proletários e não de tantos médicos e engenheiros, mas não quiseram, ou não puderam, abrir mão de suas vocações e interesses profissionais. Somente os filhos de famílias com alguma dificuldade financeira optavam por cursos técnicos independentemente das posições do Movimento e, nesses casos, o choque com as opiniões e planos familiares era bem menor. Vários *chaverim*, mesmo acatando com vigor a ideologia da *profissionalização*, tiveram problemas de adaptação (às atividades manuais e aos colegas, com origens sociais e interesses diferentes) e sentiram-se um tanto deslocados em suas escolas técnicas ou estágios.

... quando eu vi que iria fazer aliá e, portanto, teria que ter uma profissão, e resolvi estudar eletrotécnica no Mackenzie. Eu acabei sendo a única moça do curso! ...detestava aquilo lá... detestava eletricidade... mas eu fiquei, porque era profissionalizante (...) eu acabei sendo expulsa porque andei faltando (...) e passei a estudar (6 meses) na Getúlio Vargas, curso profissionalizante, também só com rapazes... japoneses. (...) Minha vivência nesses cursos foi péssima!... tinha que trabalhar num torno, colocar um troço no olho... “- Ela é moça, não pode...”... as provas eu fazia mais ou menos... e acabou não dando. Não deu mais e eu saí do curso e fui para a Hachshará, aos 17 ou 18 anos. [26]

... larguei [o Científico] para fazer escola agrícola em Jacareí, por causa do Movimento. (...) [embora minha vocação fosse ser pianista e pintor.] (...) para ser admitido na escola agrícola, tive de convencer o diretor de que eu acreditava que a redenção do homem estava na terra (usei a ideologia de Gordon, sem mencionar Israel) (...) fiquei na escola, interno, por dois anos (...) freqüentava o Movimento e perdia algumas aulas, não me importava com diploma (...) mas também eu não me portei na escola agrícola como um agricultor, como muitos que iam lá estudar e que já eram de famílias de agricultores, caras que tinham experiências diferentes da minha... eu vinha falando de socialismo, eles vinham falando de pegar os curumins e fazê-los brigar para se divertirem... [21]

... após o [curso] primário eu fui para uma escola técnica judaica chamada Ort (...). Na minha escola, eu tinha postura de superior, porque era uma escola industrial de gente que não tinha nada a ver comigo, [gente] que ia lá pela comida... então, eu não tinha amigos na escola. [31]

...ao contrário do percurso normal de um jovem da época, fui parar na Escola Técnica Getúlio Vargas, onde fiz o curso de técnico em máquinas e motores, ao lado de filhos de agricultores japoneses e alguns jovens de famílias européias, italianos e alemães, todos pobres. A escola dava casa e comida quase de graça, e ainda uma diária. (...) um ambiente intelectualmente pobre, medíocre mesmo, compensado em parte pela tradição dos ofícios e da tecnologia que impregnava profundamente as paredes da escola e suas enormes oficinas. Os ofícios e a técnica me fascinaram. Ali, produzi, com meu colega Isaac Lomaski, meu primeiro jornal como co-editor: um mural ilustrado, sardônico, que imediatamente escandalizou o corpo docente. [Bernardo K.ucinski . *Memorial* apresentado para o concurso de livre docente junto ao Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da USP. ago. 1995]

Mesmo entre os que já foram trabalhar como proletários - em *metalúrgica, oficina de limpeza de máquinas, marcenaria* - houve vários que se sentiram um tanto *deslocados, não aceitos* pelos “verdadeiros” operários. Segundo um *ex-chaver*: *os operários não nos viam como operários, e nem éramos de fato, éramos pequenos burgueses metidos à besta...*

As distinções de gênero que caracterizavam o pensamento social dominante eram reforçadas ou diluídas na busca da *profissionalização* empreendida pelos *chaverim*? Eram diluídas na medida em que a *profissionalização* valia como um ideal tanto para os rapazes quanto para as moças (quebrando com preconceitos existentes contra o trabalho feminino e permitindo, inclusive, que, na época, certas *chaverot* fossem exemplares únicos do sexo feminino em cursos como eletrotécnica ou edificações) e que tanto homens quanto mulheres encarregavam-se igualmente de cozinhar, colher verduras, cuidar de galinhas e outros ramos desenvolvidos na Hachshará. Eram reforçadas na medida em que, dadas às inclinações pessoais, forjadas em parte pela educação diferencial recebida no meio em que viviam, e devido ao caráter das instituições externas ao Movimento (escolas, disponibilidade de empregos etc.), havia sim distinções entre a *profissionalização* de rapazes e moças. Os primeiros tendiam para mecânica de máquinas, eletrotécnica, zootecnia, enquanto elas, enfermagem, corte e costura, educação infantil, puericultura, dietética, mantendo, nesses termos, as divisões consagradas de trabalhos masculinos e femininos. Como era difícil encontrar escolas agrícolas próximas aos locais de moradia dos *chaverim* e era inviável arcar com os gastos de todos os que fossem estudar distantes de suas casas (contrariando e/ou onerando os familiares) procurou-se dar preferência aos cursos de profissionalização industrial. Em relação às moças, a dificuldade na escolha de cursos era ainda maior devido aos padrões sociais que consideravam próprias das mulheres as atividades domésticas ou as que destas se aproximavam no imaginário social. O curso técnico de química parece ter sido um dos mais escolhidos por *chaverot* que procuraram escapar às ocupações identificadas como femininas.

... a gente começou a ter aulas do curso de mecânica da Ort (...) eu fui aprender a mexer num torno, e achei aquilo maravilhoso, adorava mexer naquele torno, eu ficava brincando de fazer coisinhas no torno. (...) Pensei [também] em fazer enfermagem (...) as meninas começaram a aprender manicure, cabeleireira para poderem trabalhar, foram para profissões de enfermagem, começaram curso de cosmética... todas as meninas iam aprender a limpeza de pele... essas coisas... [8]

Em pelo menos dois casos, ao contrário do que poderíamos esperar à primeira vista, o fato de ser mulher facilitou a opção pelos caminhos propostos pelo Movimento, em especial a *profissionalização*, como explica uma *ex-chaverá*:

Na época [em que eu estava no Movimento] minha idéia era fazer aliá. (...) justamente porque a posição deles [dos meus pais] era sionista (...) A questão de abandonar os estudos foi mais complicada, mas, como eu era uma mulher, meus pais não acharam tão ruim como teriam achado se eu fosse um filho homem: naquela época, uma mulher ainda poderia deixar de fazer um estudo superior [sem ter problemas com a família, pelo contrário, nem era tão valorizado que ela tivesse um diploma universitário]... [10]

O próprio Movimento procurava auxiliar os jovens em suas opções *profissionais*,

apresentando um leque de escolhas, informando sobre cursos e oportunidades e procurando usar de sua influência junto à coletividade judaica para arrumar estágios e trabalho para os *chaverim*. Alguns poucos se ressentiram do que consideraram uma interferência no que, a seu ver, deveria ser uma questão de escolha puramente pessoal.

Para além de fraqueza, covardia e outros julgamentos estabelecidos por quem se mantinha nos trilhos do Movimento contra os que o abandonavam após tentativas mais ou menos frustradas de buscar a *proletarização*, outros motivos foram apresentados por ex-militantes fervorosos que, a um grande custo pessoal e não sem muita reflexão, deixaram seus companheiros de Dror para seguir por outros caminhos.

Eu saí do segundo ano do ginásio e voltei para trás para prestar exames e começar no primeiro ano numa escola industrial para me profissionalizar. (...) Depois que eu me formei em artes gráficas, o meu madrich me arrumou um emprego numa tipografia judaica para ser tipógrafo, um empregado... E eu era um empregado como mandava a coisa: eu levava marmita... Não cheguei a questionar meus companheiros que estavam seguindo o curriculum normal, eu achei que eu estava no caminho que era da orientação do Movimento e eles, futuramente, iriam fazer a mesma coisa. E havia alguns que trabalhavam (não nesse tipo de trabalho operário) em escritórios ou serviços para poderem se sustentar, porque não havia possibilidades de se escolher tanto. (...) No Movimento, discutíamos a proletarização... o movimento operário... cheguei até a participar de greves... era aquele entusiasmo socialista e ao mesmo tempo com Israel, sobretudo, a vida em comum... Eu tive experiência com a classe obreira: eu fui trabalhar e saí na rua para fazer greve, fiz passeata, eu andei na rua distribuindo panfletos. Eu fui para o sindicato dos gráficos (...) e peguei a bandeirinha e saí na rua e gritando e batendo nas portas para o pessoal fechar e parar... Eu era socialista, eu era obreiro, proletário de ficar com a classe obreira quanto às suas lutas. (...) Até que eu comecei a me questionar: "Até que ponto eu sou proletário? Até que ponto eu posso ficar onde estou e não sair disso?"... "Eu poderia ter um progresso maior?"... "Eu vou viver dentro de um kibutz, com a minha kvutzá, e para ter alguma coisa a mais vou precisar esperar o kibutz ter dinheiro para comprar pra todo mundo."... "Eu não vou conseguir me privar de algumas das coisas que eu quero". Aí, começou a entrar esse questionamento: "Até que ponto eu sou realmente um obreiro de coração, de dedicação?" (...) a idéia de ser dono de meu próprio negócio, dono da minha vida, mexeu comigo e comecei a questionar: "Por que não a cidade ao invés do kibutz?"; "Por que uma cidade em Israel e não aqui, já que lá eu vou ter uma série de dificuldades como abandonar a minha família a qual sou tão apegado?" (...) [29]

...em Araçoiaba da Serra havia um curso de tratorista na Fazenda Ipanema e eu estava decidido a fazê-lo. Meus pais insistiram, entretanto, para que eu fizesse colégio e eu entrei no primeiro colegial Científico - estudei até setembro, mas eu fazia tanta bagunça que a escola chamou meus pais para me tirarem ou eu seria expulso. (...)

- Não era contraditório seus pais serem contra seu curso de tratorista se eles gostavam da idéia de você ir para o kibutz?

- Era, mas eles tinham claro - coisa que eu não tinha, na minha ilusão, achando que o socialismo era realmente perfeito e que [nele] todo mundo era igual -, eles tinham experiência de vida suficiente para saber que nem todo mundo é igual e que quem tem mais estudo tem mais possibilidade na vida e vive com mais conforto. E eles queriam isso para mim. Então, aceitavam sim que eu me profissionalizasse, mas fazendo um curso técnico de três anos e não simplesmente o de tratorista como eu queria. (...) pelo menos o segundo grau eles achavam fundamental (no que eles estavam rigorosamente certos e eu, evidentemente, era fruto de uma ingenuidade total). (...) o curso técnico foi uma solução de compromisso (...) Comecei a estudar mecânica de máquinas com 15 anos, porque eu tinha que me proletarizar (...). Nessa escola, tinha vários colegas companheiros do Dror: o Aron Kremer, colega de classe, o Nelson Balaban, da mecânica de máquinas, e o Valdo em eletrotécnica... era muito gozado, porque em éramos esses 4 judeus, o Leonardo (um rapaz negro) e o resto, uns 12 japoneses. (...) Na escola técnica, eu nem cheguei a me formar, eu fiz dois anos, repeti o primeiro e repetiria o seguinte se chegasse ao final - eu não conseguia fazer nada naquela oficina... eu ia bem na parte teórica e pessimamente na parte prática... certa vez, quase perdi o dedo... (...) Eu comecei a me questionar... aquele meu fracasso naquela escola me fez

pensar: "Talvez eu não tenha vocação para isso, mas outra coisa talvez eu possa fazer no kibutz". (...) eu desisti da escola técnica, porque (...) vi que aquilo não tinha nada a ver comigo. (...) [fui, então, como enviado do Movimento para Curitiba e, no ano seguinte, para Belo Horizonte.] Aí, então, eu resolvi estudar colégio lá mesmo. (...) recomecei os estudos e não pedi autorização a ninguém do Movimento. Resolvi fazer o Clássico e gostei. Já com 17 ou 18 anos, eu comecei a gostar muito de estudar e ver que esse era o meu caminho. No tempo em que eu fiquei em Belo Horizonte eu tive uma relação muito mais ampla com o mundo... Eu fiquei morando numa pensão e conheci um monte de gente... tive ótimos professores no colégio... No final do ano, eu resolvi voltar para [minha cidade natal] para estudar e, depois, fazer faculdade, mas essa idéia era inaceitável para o Movimento... (...) achei que minha verdade era essa: que essa idéia de se proletarizar era besteira e eu queria mesmo era fazer uma faculdade. Cheguei à conclusão de que eu era um cara que gostava de atividades intelectuais e que eu iria ser muito infeliz se eu simplesmente entrasse num kibutz para ser lavrador ou qualquer coisa do tipo. E, no kibutz, não tinha lugar para um intelectual nessa época... (...) eu não queria sair do Movimento, eu queria voltar a estudar, dar um tempo, mas naquela época não havia isso... Nós fomos para uma reunião, acho que foi em Curitiba, em 1958, e o pessoal disse: "... a diretoria resolveu que tal pessoa vai fazer isso... tal pessoa vai fazer shlichut..."...e resolveu que eu iria para a Hachshará. Eu não queria ir para a Hachshará porra nenhuma, queria voltar a estudar!... e voltei, depois de toda essa experiência, e completei o segundo semestre do colégio e aí continuei meus estudos e nunca mais voltei para o Movimento. Eu já tinha decidido: eu gostava de estudar, de ler, de pensar. [27]

### a Comuna

Os *militantes integrais, chaverim* que se colocavam prioritariamente à disposição do Movimento, embora continuassem ligados às suas respectivas *kvutzot*, faziam parte de um organismo denominado *Shituf* (Comuna). A Comuna organizava as atividades desses militantes, recebia contribuições em dinheiro e as redistribuía de acordo com suas possibilidades e as necessidades de cada um deles, já segundo o espírito kibutziano. Os jovens que dela participaram, portanto, viveram, de um modo ou de outro, uma experiência coletivista antes ainda do período de *hachshará*.

Sua militância variava. Alguns passavam todo o tempo trabalhando no Dror enquanto outros dividiam seu dia entre as tarefas do Movimento e um trabalho remunerado ou um curso ou estágio profissionalizante. À noite, entre outras atividades, havia reuniões de estudo ideológico concentrado.

O coletivismo já começava dentro do próprio snif, onde tínhamos uma caixa comum, que funcionava (...) ninguém reclamava, todos sabiam que isso era o princípio básico do kibutz: "de cada um de acordo com sua capacidade, a cada um de acordo com suas necessidades". Os menores traziam dinheiro dos pais, os mais velhos de seu próprio trabalho. [4]

... o coletivismo era uma idéia que o pessoal realmente [praticava]... era muito importante... o que eu ganhava fora e em casa também eu dava para essa caixa coletiva que chamava Shituf (...) e recebia um x... dava para comer um sanduíche lá no bar do Bom Retiro. (...) Tinha gente que precisava trabalhar no Movimento e não tinha tempo de trabalhar fora ou que não ganhava mesadas, então a gente repartia... e eu achava justo... Eu não me lembro de brigas por causa disso. As pessoas concordavam, estavam conscientes. [8]

Por esses e vários outros depoimentos, parece que, entre os jovens que chegavam a viver no esquema de Comuna, não havia problemas ou questionamentos significativos com relação ao funcionamento da caixa comum, revelando o grau de comprometimento com o lema kibutziano dos *chaverim* que atingiram essa etapa no Movimento o que, em última análise, mostra a força da *ação educativa* drorista.

A caixa comum funcionava. (...) todo mundo dava todo o seu ordenado. (...) Para gastos pessoais, tinha tacsif (cota pessoal) que não era grande coisa, mas dava até para comprar um disco (...) dependia da prioridade de cada um, geralmente o pessoal comprava um livro, uma camisa, cigarros, alguns iam para zona... [21]

Ninguém se queixou do fato de alguns trabalharem para “sustentar” outros que se dedicavam apenas às atividades do Movimento. Entretanto, um *ex-chaver*, voz solitária entre os entrevistados, participante de uma caixa comum e dirigente drorista no início da década de 60, comentando a forma de distribuição do dinheiro entre os militantes integrais, afirma: *era mais ou menos, sempre tinha rolo... porque “um cara viajou de avião, o outro pegou ônibus”... “por que eu não viajo assim?”... aí, começavam a aparecer as divergências concretas.* Talvez um sinal dos tempos...

Além das despesas cotidianas de seus *chaverim* (transporte, alimentação roupas, gastos pessoais etc.), a caixa da Comuna bancava também os custos com habitação dos jovens que saíam da casa dos pais em função de suas idéias e atuação no Movimento. Nas moradias sustentadas pelo *Shituf*, viviam rapazes e moças (inclusive alguns casais de namorados que conviviam com jovens “avulsos”), livres do controle familiar, compartilhando a mesma ideologia, o mesmo teto e... os afazeres domésticos.

... tínhamos nossas tarefas diárias para fazer, de arrumação até lavar roupa, nós não estávamos preparados para isso, mas a gente tentou pelo menos (...) Os apartamentos comunais eram mistos; várias *chaverot* participaram da proletarização... e na hora da divisão de tarefas era igualitário. Teve muito cara que fez uma gororoba horrível tentando cozinhar e outros que se revelaram bons cozinheiros. [21]

Algumas moças encontravam nas moradias comunais a oportunidade de levar uma vida muito mais livre, em vários sentidos (inclusive sexual), do que a que teriam se continuassem morando com a família e dependendo economicamente dos pais. Em vários casos, essa opção não deixava de representar um forte ruptura com os familiares e a educação recebida em casa ou as representações de gênero dominantes na coletividade judaica e na sociedade em geral. (Entretanto, o ímpeto revolucionário que marcava as idéias do Movimento contribuía para amenizar os custos emocionais decorrentes de tal rompimento).

Quando voltei do estágio [em Israel], continuei morando na casa do meu pai por um período (...) [até que] eu me desentendi e achei que tudo estava muito falso, muito errado e que eu não estava mais disposta a aceitar a autoridade dele, que eu já queria ter a minha vida... aí, eu sai de casa, aluguei um quarto (...) no Rio, a gente vivia numa Comuna (...) Estive um ano no Rio de Janeiro, sustentada pelo Movimento, numa pequena Comuna, uma casa, fortificando a liderança do Movimento no Rio. [14]

Alguns casais de *chaverim* apaixonados tiveram a chance de viverem juntos (mesmo sem matrimônio oficial) no esquema de Comuna. Isto, entretanto, não lhes garantia conforto e privacidade totais já que as instalações eram sempre bem simples, as moradias eram compartilhadas com outros jovens e sempre havia - competindo com os interesses pessoais e solicitando a dedicação de cada um - as demandas da militância.

... voltei para São Paulo,... eu vivia com o [meu namorado] na casa onde ficava a Diretoria central



(na sede do Dror, na Rua José Paulino): na sala da frente era a diretoria, ao lado, separado por uma parede era o nosso quarto... Mais dois rapazes moravam em outros quartos na Comuna, só [havia] eu e o [meu namorado] de casal. Quando a gente se casou no civil, a festa foi nessa Comuna aí. [24]

### 3.3. Identidade judaica, identidade nacional

A construção da identidade judaica promovida pela educação drorista abria mão da religiosidade. O Dror, ideologicamente, não só não era religioso como, em certos aspectos, anti-religião (embora se abstinhasse oficialmente de podar a liberdade de crença de seus *chaverim*). Basta ver seus princípios ideológicos e a forma como as festas religiosas e o episódios e personagens bíblicos aparecem nas propostas de sua *ação educativa* <sup>34</sup>.

... havia uma preocupação nossa contra o clericalismo como uma força social e política. Mas não éramos contra a religião em si mesma (...) de um modo geral, como em tudo, a gente tinha uma posição mais ou menos livre (...) o enfoque era no sentido não de criar uma luta anti-religião, mas, no que fosse necessária, anticlerical, contra a religião enquanto entidade social e politicamente organizada, porque a gente sabia da importância dos partidos religiosos em Israel, e da freqüente postura reacionária que eles tinham diante de uma série de coisas. No Dror não havia um sentido de querer se destruir a religiosidade. [9]

O Movimento era anti-religioso ("a religião é o ópio do povo") e estava cheio de agnósticos... (embora houvesse um que conseguia harmonizar religião e Dror: o Aron Thalenberg, apelidado por nós de Rabino). Não participávamos de atividades religiosas da comunidade, comemorávamos o Shabat como um dia de descanso e não no sentido religioso e sim histórico - fazia-se a consagração do vinho, mas isso não era reza... O sábado era tratado como um dia de descanso, mais como um direito trabalhista que um direito religioso. (...) Ninguém do Movimento ia à sinagoga, pelo contrário, deixava de ir. Não haveria nada contra se alguém quisesse ser religioso, só que ele não encontraria, no Movimento, muito ambiente para isso... [7]

... o Movimento foi muito importante em minha vida, porque foi onde eu me politizei e deixei de acreditar em Deus (como todo mundo, eu acho) - não me lembro de o Dror falar contra Deus, mas éramos materialistas, socialistas e não cabia muito misticismo... [18]

No Dror, judaísmo não se confundia com religião. Danças judaicas religiosas, por exemplo, eram rejeitadas. Certas tradições que, em sua origem, tiveram alguma ligação com a religiosidade, perdiam esse caráter quando retomadas pelo Dror, que procurava tratá-las como heranças culturais do povo judeu e, didaticamente, como meios de reforçar a coesão nacional. A Páscoa judaica era comemorada como um símbolo da libertação dos judeus:

... havia uma peulá na qual se falava da escravidão, do movimento libertário dos judeus, de Moisés como o homem que fez as leis sobre os modos de se portar, e de como o povo unido se tornou um povo... na falta da Hagadá, nós criamos a nossa: com trechos em hebraico, explicações, interpretações próprias... [21]

Nessa "Hagadá" - livro em que se costuma ler explicações sobre o *Pessach* - a ideologia do Dror se impõe e as idéias alimentadas no Movimento juvenil adquirem um caráter quase místico ao "invadir" um espaço religioso e lançar mão de recursos de linguagem comumente empregado para palavras de fé, que no entanto, revertem-se para objetivos bastante pragmáticos: